



FACULDADE METROPOLITANA
NORTE RIOGRANDENSE

FACULDADE METROPOLITANA NORTE RIOGRANDENSE DIRETORIA DE
GRADUAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ROSEANE DA SILVA FONSECA

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO RECURSO LÚDICO PARA AS
APRENDIZAGENS DA CRIANÇA**

NATAL/RN
2025

ROSEANE DA SILVA FONSECA

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO RECURSO LÚDICO PARA AS
APRENDIZAGENS DA CRIANÇA**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia, da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense (FAMEN) como pré-requisito para a obtenção do título de graduada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Ms. Liliane Silva Câmara de Oliveira

Coorientadora: Profa. Dra. Andrezza Maria Batista Tavares do Nascimento

NATAL/RN
2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte
Biblioteca Immanuel Kant – Faculdade Metropolitana Norte Riograndense

F676c Fonseca, Roseane da Silva.

A contação de histórias como recurso lúdico para as aprendizagens da criança / Roseane da Silva Fonseca. – Natal, 2025.
47 f.

Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade Metropolitana Norte Riograndense, Departamento de Pedagogia. Natal, RN, 2025.

Orientadora: Profa. Ms. Liliane Silva Câmara de Oliveira.

Coorientadora: Profa. Dra. Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares.

1. Educação Infantil – Monografia. 2. Ludicidade – Monografia
I. Oliveira, Liliane Silva Câmara de. II. Tavares, Andrezza Maria Batista do Nascimento.

CDD – 370

CDU – 37

Elaborada pelo Bibliotecário Miqueias Alex de Souza Pereira – CRB – 15/925

Índice de catálogo sistemático:

1. Educação – 370
2. Educação. Ensino. Instrução – 37

ROSEANE DA SILVA FONSECA

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO RECURSO LÚDICO PARA AS
APRENDIZAGENS DA CRIANÇA**

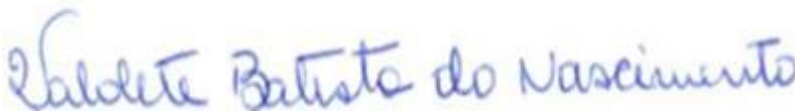
Monografia apresentada ao curso de
Pedagogia, da Faculdade Metropolitana
Norte Riograndense (FAMEN) como pré-
requisito para a obtenção do título de
graduada em Pedagogia.

Monografia apresentada e aprovada em 04/07/2025, pela seguinte
Banca Examinadora:

BANCA EXAMINADORA



Professora Ms. Adriana Mônica de Oliveira
Faculdade FAMEN



Professora Ms. Valdete Batista do Nascimento
Faculdade FAMEN



Coorientadora Profa. Dra. Andrea Maria Batista do Nascimento Tavares
Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN



Professora Orientadora Liliane Silva Câmara de Oliveira
Faculdade FAMEN

NATAL/RN

2025

EPÍGRAFE

“ Um país se faz com homens e livros.”
Monteiro Lobato

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem ele não teria chegado até aqui, foi ele que me deu forças para concluir esse curso. Agradeço ao meu esposo por sempre me incentivar e nunca soltar minha mão, a minha mãe que ao longo de todo o curso sempre ficou com minha filha para que eu pudesse realizar esse sonho, me incentivando todos os dias. As minhas amigas Raissa e Andrielly que sempre estiveram ao meu lado nessa caminhada, aos colegas de curso que se mantiveram fortes até aqui e também aqueles que desistiram no meio do caminho, mas com todos aprendi algo. Aos professores que tive a oportunidade de conhecer e aprender com eles ao longo dessa jornada acadêmica, agradeço em especial a professora orientadora Liliane Câmara por todo incentivo e dedicação na orientação desse trabalho.

DEDICATÓRIA

Em primeiro lugar dedico este estudo a Deus, que com a sua infinita misericórdia me deu força e coragem todos os dias para que eu chegasse até aqui. Ao meu pai Edival que não conseguiu ver a sua filha formada, mas sei que esta no céu olhando por mim, a minha mãe Rosineide que é o meu exemplo e inspiração de ser humano e mulher, ao meu esposo Inácio, que sempre me apoiou com todo o seu amor e paciência e nunca soltou a minha mão nos momentos mais difíceis, aos meus irmãos Maria, Rosa, Luiz e José por todo o seu carinho e companheirismo. E por último a minha filha amada Maria Helena que é tão pequena mais com um amor e paciência tão grande, é por ela que cheguei até aqui, pois quero ser sempre o seu porto seguro e maior exemplo.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar a aprendizagem na educação infantil através da contação de histórias. Ao longo da pesquisa destaca-se que a contação de histórias pode ser utilizada como estratégia lúdica e educativa para favorecer o processo de aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças na educação infantil. A metodologia adotada na pesquisa é de natureza qualitativa, com base em pesquisa bibliográfica fundamentada em autores como Abramovich, Bettelheim, Kishimoto, Vygotsky, entre outros, que abordam a importância da literatura infantil no contexto educacional. O estudo apresenta uma contextualização histórica da literatura infantil e da educação infantil no Brasil, destacando marcos legais, como a Constituição de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), além do papel das políticas públicas na promoção da alfabetização na idade certa. Os resultados apontam que a inserção da contação de histórias na rotina escolar contribui significativamente para a formação de leitores críticos, melhora a linguagem oral e escrita, estimula a criatividade e fortalece os vínculos afetivos entre educadores e alunos. Ao final da pesquisa é possível considerar que a prática de contar histórias, quando bem planejada e mediada por professores capacitados, torna-se uma metodologia eficaz para a construção do conhecimento e para a valorização do universo simbólico e cultural da criança. Além disso, a participação da família e a oferta de ambientes adequados e materiais acessíveis são fatores determinantes para o sucesso dessa prática pedagógica. Assim, valorizar a literatura infantil e integrá-la de forma sistemática às práticas escolares é um passo fundamental para garantir uma educação significativa, inclusiva e transformadora.

Palavras-chave: Contação de histórias; Educação infantil; Literatura infantil; Aprendizagem lúdica; Desenvolvimento cognitivo.

ABSTRACT

This study aims to analyze learning in early childhood education through storytelling. The research highlights storytelling as a playful and educational strategy that fosters the learning process and the cognitive, emotional, and social development of children in early education. The methodology is qualitative, based on a bibliographic review supported by authors such as Abramovich, Bettelheim, Kishimoto, and Vygotsky, among others, who emphasize the importance of children's literature in the educational context. The study provides a historical overview of children's literature and early childhood education in Brazil, emphasizing legal milestones such as the 1988 Constitution and the National Education Guidelines and Framework Law (LDB), as well as the role of public policies in promoting timely literacy. Results indicate that the integration of storytelling into the school routine significantly contributes to the formation of critical readers, improves oral and written language skills, stimulates creativity, and strengthens affective bonds between educators and students. It is concluded that storytelling, when well planned and mediated by trained teachers, becomes an effective methodology for knowledge construction and for valuing the symbolic and cultural universe of the child. Furthermore, family involvement and the provision of appropriate environments and accessible materials are key factors for the success of this pedagogical practice. Therefore, valuing children's literature and systematically integrating it into school practices is essential to ensure meaningful, inclusive, and transformative education.

Keywords: Storytelling; Early childhood education; Children's literature; Playful learning; Cognitive development.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

INEP – Instituto nacional de estudos e pesquisas

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MEC – Ministério da Educação e Cultura

RCNEI – Referencial curricular Nacional para educação infantil

LISTA DE INLUSTRAÇÕES

Figura 1 - A menina do narizinho arrebitado.....	20
Figura 2 – As reinações de narizinho	21
Figura 3 – O pica pau amarelo.....	24

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 ORIGEM DA LITERATURA INFANTIL.....	14
2.1 Monteiro Lobato e a importância das suas obras infantis para a literatura.	
.....	18
2.2 A contação de histórias como recursos pedagógicos: do desejo de ensinar ao desejo de aprender	25
3. RELEVANCIA DA LITERATURA INFANTIL NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA	30
3.1 A importância a literatura infantil na formação de uma sociedade de leitores.....	32
3.2 Desafios e estratégias para a educação infantil no Brasil.....	34
3.3 Práticas para a inserção da Leitura em sala de aula.....	37
4. METODOLOGIA.....	41
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo traz uma abordagem sobre o tema “a contação de histórias como recurso pedagógico e lúdico na educação infantil”. A importância dessa temática para o âmbito da educação é inegável, pois as narrativas orais e literárias são ferramentas fundamentais no desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Esse recurso, além de proporcionar momentos de prazer e diversão, desempenha um papel fundamental na formação de leitores críticos e na construção de uma base sólida para a aprendizagem ao longo da vida.

A justificativa para a escolha deste tema está na necessidade de explorar e evidenciar o impacto positivo das histórias na educação infantil, proporcionando aos educadores uma reflexão sobre o uso deste recurso pedagógico eficaz para a prática docente. A aprendizagem na educação infantil através da contação de histórias pode proporcionar muitos benefícios, despertar a imaginação da criança e a criatividade, ela é uma atividade lúdica que pode ser integrada ao planejamento de aula do professor. As experiências vividas em sala de aula da educação infantil despertam o interesse da criança nos estudos ao longo da vida, utilizar a contação de histórias como atividade lúdica é fundamental para esse despertar.

A contação de histórias é uma ferramenta rica na educação infantil, pois pode proporcionar muitos benefícios para aprendizagem da criança, ao integrar a contação de histórias na rotina da sala de aula, os educadores podem produzir um ambiente de aprendizagem envolvente e estimulante, onde as crianças podem descobrir, aprender e crescer de maneira significativa. Desse modo, pensando no cotidiano escolar para crianças, a pesquisa busca responder as questões: Quais benefícios a contação de histórias pode trazer para a educação infantil? O que pode ser feito para envolver as crianças na contação de histórias? Quais recursos podem ser utilizados para a contação de histórias ser tornar lúdica?

Para responder as perguntas a pesquisa tem como objetivo investigar e compreender como a prática da contação de histórias contribui para o processo de aprendizagem, trabalhando o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças da educação infantil, explorando as competências dessa abordagem pedagógica como ferramenta eficiente para estimular a imaginação, o pensamento crítico, a linguagem e a construção de valores, visando, assim, proporcionar uma experiência educacional enriquecedora e significativa.

Para a efetivação desta pesquisa, buscou-se as contribuições de diversos autores que tratam da temática em estudo. Entre eles pode-se destacar Abramovich (1997), Kishimoto (2001), Bettelheim (2002), Bussatto (2006) e Sekeff (2007) e outros que contribuíram significativamente para a compreensão e aprofundamento do tema.

A estruturação deste estudo contempla uma revisão teórica abrangente, seguida de uma análise histórica da literatura infantil e da educação infantil no Brasil. O estudo aborda inicialmente a origem da literatura infantil e sua evolução ao longo dos séculos, destacando autores clássicos como Charles Perrault, Irmãos Grimm e Hans Christian Andersen. Em seguida, explora-se a história da educação infantil no Brasil, desde suas primeiras instituições até a consolidação de políticas públicas que garantem o direito à educação para todas as crianças.

Por fim, a pesquisa apresenta uma discussão sobre a importância da contação de histórias na prática pedagógica, destacando seu papel no desenvolvimento das capacidades cognitivas, emocionais e sociais das crianças, e propondo estratégias para a integração eficaz dessa prática nas rotinas educativas.

2 ORIGEM DA LITERATURA INFANTIL

A literatura infantil teve sua origem na necessidade de transmitir acontecimentos e ideias, utilizando a contação de histórias como forma de repassar a herança cultural para as gerações mais jovens, e inicialmente, essas narrativas eram transmitidas oralmente, sem registro por escrito.

Durante a Idade Média, a visão da infância era diferente, considerando as crianças como "pequenos adultos", educadas de acordo com os objetivos dos adultos, sem levar em conta suas próprias capacidades e vontades. Na visão de Ariès (1981), durante a Idade Média, a infância não era vista como uma fase distinta da vida, e as crianças eram tratadas de maneira semelhante aos adultos, sem um conceito muito claro de uma infância protegida e amada, como vemos hoje.

Já durante a Idade Média e o Renascimento, circulavam alguns livros, incluindo catecismos criados pelos padres jesuítas para ensinar o cristianismo às crianças, além de fábulas com narrativas moralizadoras e livros com histórias exemplares de comportamento.

Os primeiros livros infantis surgiram no século XVII, com a obra do famoso autor francês Charles Perrault, que recontou estórias tradicionais, como A Bela Adormecida, Chapeuzinho Vermelho e O Gato de Botas, introduzindo uma moral em cada narrativa. Perrault revitalizou esse repertório, adaptando-o aos diversos tipos humanos da sociedade da época, enfatizando a forma fantasiosa e mágica das narrativas.

As estórias recontadas por Perrault representava aspectos polêmicos, com cenas de violência ou crueldade, envolvendo até mesmo crianças. Um exemplo disso é a história de Chapeuzinho Vermelho, que em sua versão (Perrault, 1697), quando ainda não havia a preocupação em adaptar os contos oriundos da tradição oral, não existia a figura do Caçador (personagem que aparece para resgatar a menina e sua avó de um desfecho trágico). Chapeuzinho Vermelho ficava despida, deitava-se com o lobo e era devorada por ele. Em outra versão ainda mais sombria, a garota era enganada pelo lobo, que a fazia comer a própria avó cozida e beber seu sangue servido em uma taça de vinho” (Zipes, 2006).

Os Contos dos Irmãos Grimm, reunidos por Jacob e Wilhelm Grimm no século XIX, tratavam de narrativas populares, preservando o patrimônio literário do povo alemão. Ao contrário de Perrault, os contos dos irmãos Grimm eram destinados a todos, com uma linguagem próxima à oralidade. Já Hans Christian Andersen, entre

1835 e 1872, lançou uma grande antologia de contos de fadas, não se limitando a recontar histórias tradicionais, mas criando novas narrativas com sua marca individual, como *O Patinho Feio* e *A Roupas Nova do Imperador*. Cademartori (1994) destaca que a literatura infantil não apenas forma o indivíduo para a compreensão de conceitos, mas também promove a emancipação das crianças da manipulação da sociedade, permitindo a reformulação de conceitos e a autonomia do pensamento.

No Brasil, as abordagens pedagógicas destinadas à Educação Infantil são relativamente recentes. Segundo Oliveira (2005), as primeiras instituições de ensino infantil surgiram em 1908, em Belo Horizonte, e em 1909, no Rio de Janeiro. Contudo, foi nas décadas de 20 e 30 que novas escolas de Educação Infantil surgiram, visando cuidar dos filhos pequenos para permitir que suas mães trabalhassem, alterando a tradição em que a educação era responsabilidade exclusiva da família, especialmente da mãe.

Vale ressaltar que o surgimento de novas escolas de Educação infantil decorreu "do aumento da urbanização, a participação da mulher no mercado de trabalho e as mudanças na organização e estruturas das famílias" (Ferronato, 2006, p. 27). Dado que no Brasil a criação de creches e pré-escolas ainda era recente, modelos de educação norte-americanos e europeus tornaram-se referências para o atendimento das crianças nessas instituições.

Oliveira (2005) explica que o projeto adotado nas décadas de 20 e 30 considerava a criança como um indivíduo carente, vítima de privações culturais, cabendo à escola suprir essas lacunas. Essa abordagem, segundo Kuhlmann Jr. (2000), era uma pedagogia da submissão, pois não visava diminuir as desigualdades sociais, mas sim fazer com que famílias financeiramente desfavorecidas aceitassem a exploração social sem questionamentos.

Corroborando com esse relato, Ferronato (2006) descreve que as abordagens adotadas nas instituições de educação infantil objetivavam o combate à pobreza e a solução de problemas relacionados à sobrevivência da criança pequena, o que justificava a baixa qualidade do atendimento devido aos escassos investimentos recebidos.

As instituições de ensino principalmente as creches e jardins de infância não eram consideradas espaços educativos, mas sim locais assistenciais, destinados a cuidar das crianças pobres enquanto seus pais trabalhavam. Tinha como objetivo assistência as crianças pobres e não o desenvolvimento pleno delas como sujeito de

direitos.

As atividades propostas nas instituições eram voltadas para a educação do corpo, higiene pessoal e obediência. A ideia era preparar essas crianças para aceitar o lugar que lhes era destinado na sociedade. Era comum a aplicação de práticas de higiene, que serviam mais para controlar comportamentos do que para estimular aprendizagens significativas.

Esse modelo educacional era operado, principalmente, por instituições voltadas à infância pobre, nas quais a educação infantil era tratada como uma forma de assistência social e não como um direito da criança. Nessas instituições, as práticas pedagógicas se concentravam no disciplinamento do corpo, na higiene e na obediência, com forte influência do ideário higienista e moralizador da época (Kuhlmann Jr., 2000).

Além disso, as instituições sofriam com escassez de recursos financeiros, espaços físicos precários e a presença de profissionais sem formação específica para atuar na educação infantil, o que comprometia gravemente a qualidade do atendimento prestado (Ferronato, 2006). A justificativa para tal negligência estava pautada na ideia de que o atendimento a essas crianças deveria se limitar à resolução de problemas imediatos relacionados à sobrevivência, como fome, doenças e abandono, e não à promoção de seu pleno desenvolvimento.

Nesse contexto, a escola não exercia um papel transformador, mas sim reproduzidor da exclusão social. A naturalização da desigualdade era reforçada desde os primeiros anos de vida escolar, consolidando um sistema que ensinava às crianças das camadas populares a se conformarem com a posição social que lhes era imposta. Dessa forma, a educação infantil cumpria o papel de perpetuar as desigualdades sociais historicamente construídas, negando-se a atuar como um instrumento de promoção da justiça social e da equidade.

Com a expansão da economia brasileira e o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho, houve mobilizações sociais no final das décadas de 70 e 80, organizadas por mães, movimentos de bairros, sindicatos e grupos de profissionais e especialistas em educação. Tinham por objetivo reivindicar mais vagas em instituições de ensino para garantir o direito de atendimento da criança e do adolescente, ampliando o número de vagas e construindo novos prédios para atender toda a demanda (Campos; Füllgraf; Wigger, 2006).

Como resultado das manifestações sociais feitas pelas mulheres para

reivindicar mais vagas de instituições de ensino para garantir o direito de atendimento da criança e do adolescente, em 1988 foi promulgada a Constituição Federal (Brasil, 1988), que, estando em vigor até o presente, salienta que a educação é um direito de todos, cabendo ao Estado e à família, em conjunto com diversos setores sociais, promover o desenvolvimento integral do indivíduo, preparando-o para o exercício da cidadania e qualificando-o para o mercado de trabalho. Esse fato se consolida através do art. 208 do inciso IV da Constituição Federal Brasileira (Brasil, 1988) que decreta que o "atendimento em creche e pré-escola às crianças de 0 a 6 anos de idade" ficará como responsabilidade do Estado.

Oliveira (2005) afirma que, apesar de ser um direito assegurado por lei, o acesso à educação infantil ainda estava em segundo plano nos projetos de políticas públicas durante a década de 90. No entanto com a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Brasil, 1990), consolidaram-se os direitos das crianças garantidos pela Constituição Federal (Brasil, 1988). E em 20 de dezembro de 1996 aprova-se a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/1996 (Brasil, 1996) baseando-se nos princípios norteadores da Constituição Federal (Brasil, 1988), declarando no Título II, Seção II, Art. 29 a finalidade da Educação Infantil:

A Educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (Brasil, 1996, p. 12).

Ainda de forma legislativa, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/1996 (Brasil, 1996), a educação infantil passa a ser considerada como uma etapa da educação básica, sendo necessária à regulamentação e normatização perante a legislação vigente, com foco no desenvolvimento integral da criança e contemplando família e comunidade como fator essencial em sua formação.

Assim, a elaboração dos currículos e conteúdo a serem desenvolvidos em cada etapa da educação infantil tem como norteador os princípios, diretrizes e competências previamente estabelecidos pela União. E para auxiliar as práticas educativas em âmbito nacional, o Ministério da Educação e do Desporto desenvolveu o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI - em 1998 (Brasil, 1998).

Os principais aspectos que envolvem a criação das bases curriculares para

promover o desenvolvimento e a aprendizagem de crianças de 0 a 6 anos têm como base os conceitos de educar, aprender através da brincadeira e o cuidar, excluindo a visão assistencialista que tinha acerca do cuidar, que somente zelava pela alimentação adequada e boas condições de sobrevivência da criança pequena.

Através do RCNEI (Brasil, 1998), a criança não é mais vista como carente e desprovida de cultura, sendo definida como "um ser todo social e histórico". Ele reconhece a pluralidade e diversidade social, sendo uma sugestão aberta, adaptando-se à realidade e características do contexto social.

Assim, pode-se considerar que educar está associado às vivências e aprendizagens que o aluno tem acesso, estimulando o desenvolvimento das capacidades cognitivas, o domínio das habilidades corporais, afetivas, éticas e morais, objetivando a formação de crianças autônomas, criativas e felizes.

Segundo Kishimoto (2001), o brincar tem fundamental importância para a criança, pois é por meio da brincadeira que ela constrói e reconstrói sua linguagem, compartilhando significados e expressando emoções. As instituições de Educação Infantil devem oportunizar ambientes ricos para que os alunos possam ter contato com o meio, vivenciando novas aprendizagens.

Segundo Vygotsky (1991) é importante ressaltar que o brincar na infância não é apenas uma atividade recreativa, mas sim um componente essencial para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças. Por meio da brincadeira, elas exploram seu ambiente, experimentam papéis e situações diversas, desenvolvem habilidades de resolução de problemas e aprendem a colaborar e se comunicar com os outros. Além disso, o brincar proporciona um espaço seguro para a expressão de emoções e a construção de autoconfiança.

Portanto, é fundamental que as instituições de Educação Infantil valorizem e promovam o momento lúdico como uma parte integral do processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, e uma dessas formas é através da contação de histórias, método envolvente que envolve imaginação, diversão e criatividade.

2.1 Monteiro Lobato e a importância das suas obras infantis para a literatura

José Bento Monteiro Lobato nasceu em Taubaté, Vale do Paraíba, interior de São Paulo no dia 18 de abril de 1882, em sua homenagem se comemora no Brasil nessa data o dia do Livro que foi instituída por meio da Lei n.º 10.402, de 8 de janeiro

de 2002 (Brasil, 2002). Lobato faleceu com 66 anos, em 1948, tendo presenciado, ao longo de sua vida adulta, os principais acontecimentos da primeira metade do século XX no Brasil (Brasil Escola, 2025).

Juca, como era chamado na infância, começou a explorar o mundo na fazenda de seu pai, localizada nas proximidades de Taubaté. Desde cedo, demonstrava fascínio pelo desconhecido que o cercava. Mesmo quando tomava conhecimento de elementos que lhe causavam medo, esse sentimento despertava ainda mais sua curiosidade (Brasil Escola, 2025).

Tinha duas irmãs, Esther e Judith, com quem compartilhava momentos de diversão durante a infância. Os três irmãos gostavam de transformar sabugos de milho em bonecos, além de criar figuras variadas a partir dos materiais que encontravam. Era neto do Visconde de Tremembé, por quem nutria profundo carinho e admiração. Esse avô foi também uma figura marcante em sua formação, responsável por narrar histórias que marcaram sua memória infantil. Monteiro Lobato não frequentou a escola na primeira infância, tendo aprendido a ler e escrever com sua mãe, Olympia. Aos seis anos, já escrevia pequenos bilhetes e realizava suas primeiras experiências com a pintura (Brasil Escola, 2025).

O Visconde de Tremembé possuía uma chácara em Taubaté, local importante na introdução de Lobato ao mundo do conhecimento. Nessa chácara, o avô havia construído uma biblioteca, onde o menino passava horas lendo e explorando livros, o que contribuiu significativamente para sua formação intelectual (Brasil Escola, 2025).

Em 1889, Monteiro Lobato ingressou no Colégio Kennedy, em Taubaté, e posteriormente frequentou outras instituições de ensino na cidade, entre elas o Colégio Paulista. A literatura infantil no Brasil tem início na segunda metade do século XIX, mas consolida-se de forma mais expressiva a partir de 1921, com a publicação da obra *Narizinho Arrebitado*, de Monteiro Lobato conforme capa a capa pode ser vista na Figura 1 logo abaixo. Em 1931, o autor reestrutura e amplia essa narrativa, dando-lhe o título de *Reinações de Narizinho*, cuja capa do livro está apresentada na Figura 2 marco fundamental de sua produção infantojuvenil (Brasil Escola, 2025).

Figura 1 – Capa original do Livro **A menina do narizinho arrebitado**



FONTE: Lobato (1920)

A Menina do Narizinho Arrebitado marca o início desse universo, apresentando a personagem Narizinho, uma menina curiosa e sonhadora que vive no sítio com sua avó, Dona Benta, e a cozinheira Tia Nastácia. Nessa história, Narizinho visita o Reino das Águas Claras, onde conhece criaturas fantásticas e ganha a companhia inseparável de Emília, uma boneca que mais tarde ganha vida. A obra, ainda simples e voltada para o encantamento infantil, inaugura o tom lúdico e criativo que se tornaria marca registrada de Lobato (Lobato, 1920).

mesclavam fantasia, aventura, humor e crítica social, tudo isso em uma linguagem acessível e cativante para as crianças.

Arroyo (1968) descreve a verdadeira vontade de Lobato:

Era uma fase de grande entusiasmo. Monteiro Lobato esquecia-se inclusive das restrições que opusera a alguns clássicos da literatura infantil traduzidos para o Brasil. Resolvera entrar pelo caminho certo: livros para crianças. “De escrever para marmanjos já me enjoei. Bichos sem graça. Mas para as crianças, um livro é todo um mundo. Lembro-me de como vivi dentro de Robinson Crusoe, do Laemmert. Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar. Não ler e jogar fora; sim, morar, como morei no Robinson e no Os Filhos do Capitão Grant”. E indagava: “Que é uma criança? Imaginação e filosofia”, nada mais, respondia certo de que as crianças “são em todos os tempos e em todas as pátrias as mesmas” (Arroyo, 1968, p. 250).

Monteiro Lobato criou um universo voltado para o público infantil, enriquecido pelo folclore brasileiro. Em suas obras, buscou destacar o nacionalismo por meio da ação das personagens, que refletiam a brasilidade em sua linguagem, comportamentos e na relação com a natureza. Um exemplo marcante é o Visconde de Sabugosa, personagem que representa o ideal dos antigos contadores de histórias, sendo um intelectual que transmite conhecimento de forma lúdica e educativa (Brasil Escola, 2025).

Atualmente, as funções da literatura infantil no Brasil vão além da educação formal. Informar e formar leitores passou a ser um dos principais objetivos de autores e obras voltadas para o público infantil.

Transformações ocorridas no século XVIII, aliadas às questões educacionais da época, influenciaram diversas mudanças nas concepções sociais relacionadas à família. Entre elas, destaca-se o surgimento do namoro como etapa inicial da liberdade entre os jovens. Nesse contexto, ganham destaque as figuras do pai e da mãe, que passaram a ser diretamente responsáveis pela educação dos filhos. A responsabilidade de garantir que a criança chegasse à vida adulta de maneira saudável e bem instruída recaía, portanto, sobre a família. É também nesse período que surge a ideia de educação para todos, com foco especial na infância (Brasil Escola, 2025).

Com a valorização da criança, surgem textos especialmente adaptados a esse público. Livros originalmente voltados para adultos passam a ganhar versões infantis. Inicia-se, assim, a formação dos pequenos leitores. A leitura literária passa a ser vista como ferramenta essencial para a aquisição de cultura e conhecimento. Nesse

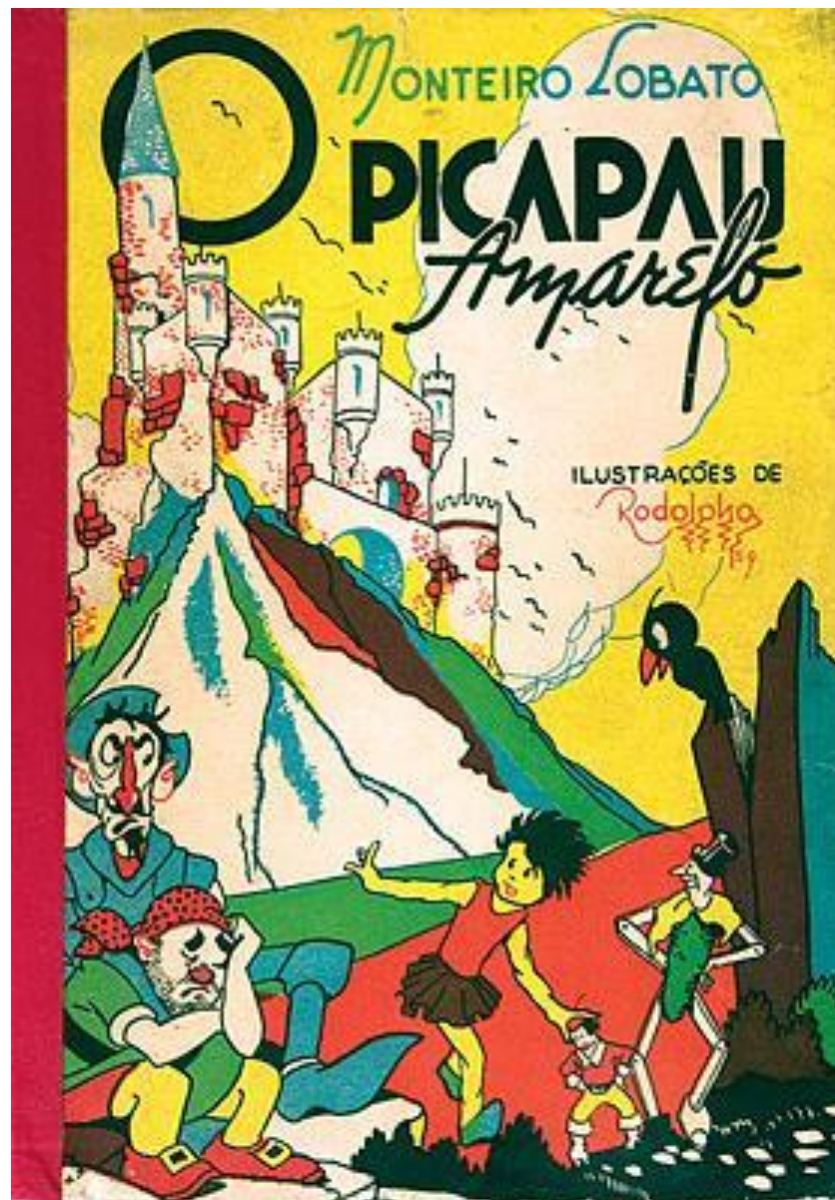
contexto, é elaborado um Tratado de Pedagogia, que estabelece princípios para a educação de crianças e adultos. A partir de então, a educação perde seu caráter puramente inocente, e a escola deixa de ser um espaço neutro.

Diante dessas transformações, surge a necessidade de obras que despertassem o interesse infantil, que envolvessem os leitores em um universo de sonhos e imaginação – o mundo do faz de conta. A literatura de Monteiro Lobato cumpre com excelência esse papel.

Além de estimular o imaginário infantil, Lobato também utiliza sua obra de forma crítica e reflexiva. Sua literatura, de caráter denunciador, aborda questões políticas, econômicas e sociais. Em sua principal série, *O Sítio do Picapau Amarelo* (Figura 3), observam-se traços de sua indignação frente à exploração do petróleo. Logo depois, Lobato publica *O Poço do Visconde*, que narra a descoberta do petróleo nas terras do Sítio – um mundo fictício, mas inspirado em terras de sua família. Como não podia se expor diretamente, utilizou personagens fantásticos para expressar suas ideias. Em especial, destaca-se Emília, a boneca falante, que funciona como sua porta-voz (Brasil Escola, 2025).

Sem dúvida, Monteiro Lobato criou um universo literário diversificado, com personagens que unificam o mundo ficcional. No *Sítio do Picapau Amarelo* vivem Dona Benta, Tia Nastácia e Tio Barnabé – personagens adultos que orientam as crianças Pedrinho e Narizinho –, além de figuras fantásticas como Emília, Visconde de Sabugosa, Quindim e Rabicó.

Figura 3 – Capa da edição de 1939 de **O pica pau amarelo**



FONTE: Lobato (1939)

O Picapau Amarelo representa a maturidade desse universo literário. O sítio agora é cenário de aventuras ainda mais amplas, nas quais os personagens exploram mitologias, universos paralelos e temas filosóficos. A fantasia continua presente, mas agora dialoga fortemente com a educação, a cultura brasileira e a crítica social. Essa obra resume e eleva todo o projeto literário de Lobato, tornando-se um símbolo de sua contribuição para a formação cultural de gerações de leitores (Lobato, 1939).

O pica pau amarelo é uma ave comum no Brasil, e a presença do sítio que é inspirado na propriedade do autor que retrata a natureza e as tradições locais. Lobato também valorizou o folclore nacional. Pedrinho e Narizinho se tornam exploradores

desse universo mágico, encontrando personagens típicos da cultura brasileira, como o Saci, a Cuca, a Mula-sem-cabeça, a Iara e o Lobisomem. Esses encontros aproximam os leitores da riqueza do folclore nacional. O toque especial dessa aventura está nas dúvidas e maluquices de Emília, que, após tomar uma pílula que a fez falar, transforma-se em uma tagarela (Brasil Escola, 2025).

Lobato acreditava que o livro deveria ensinar ao mesmo tempo que divertia. Com a sua forma simples, leve e divertida ele revolucionou a forma da escrita para as crianças sem subestimar a inteligência dos leitores. Suas obras despertavam o gosto pela leitura, a curiosidade científica e o pensamento crítico, ele influenciou e influencia gerações de autores e educadores. Monteiro Lobato deu à criança brasileira um espelho de sua própria cultura e provou que é possível unir imaginação, aprendizado e crítica social num mesmo texto.

2.2 A contação de histórias como recursos pedagógicos: do desejo de ensinar ao desejo de aprender

O educador na Educação Infantil tem em suas mãos a liberdade de oferecer aos alunos um universo de fantasia, um mundo onde as crianças vão se descobrir de maneira divertida e prazerosa, assim, é fundamental que seja utilizado métodos dinâmicos para apresentar histórias infantis aos seus alunos, o que facilitará sua compreensão e absorção.

De acordo com Góes (1997, p. 18):

Privilegiar atividades com histórias e materiais literários tem, por certo, repercussões positivas para a criança. Pesquisas têm indicado que, na infância, as experiências com narrativas, em vários contextos, são instâncias de refinamento da cognição.

Além da contação oral, o professor pode explorar recursos como livros ilustrados, gravuras, flanelógrafo, desenhos, recortes, painéis, carimbos, dobraduras e teatro de sombras para tornar as histórias mais dinâmicas (Abramovich, 2003).

É essencial que o pedagogo se prepare antes de iniciar a contação, selecionando cuidadosamente a história e adaptando-a à linguagem oral. Abramovich (2003, p.18) destaca que "Contar histórias é uma arte [...] tão linda! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro [...] ela é o uso simples e harmônico da voz".

Além dos métodos tradicionais utilizados em sala de aula como fazer uma roda ou utilizar fantoches para a contação de histórias, existem outras técnicas que podem auxiliar, tais como:

[...] imagens visuais e paisagens sonoras nítidas, e apresenta um sujeito contador com domínio de recursos vocais e corporais [...] muda a intenção de contar, mas permanece o que é essencial: a condição de encantar, designificar o mundo que nos cerca, materializando e dando forma às nossas experiências (Bussatto, 2006, p 10).

Para garantir o sucesso da contação, o professor deve criar um ambiente propício, confortável e estimulante para os alunos, evitando distrações que possam dispersar a atenção das crianças (Bussatto, 2006). Pois deve-se considerar que esse momento não é apenas diversão, mas de aprendizagens, de novos conhecimentos onde os alunos despertam para um novo mundo.

O importante é que o professor no exercício da docência, em sendo um leitor, aprecie as peculiaridades das linguagens e, assim, passe essa paixão no processo de formação de leitores. É imprescindível que estas, efetivamente, consigam não somente distinguir a natureza das linguagens, mas também desenvolver o gosto pelo literário, pelo uso estético da linguagem, pelos efeitos estéticos da linguagem, pelos efeitos que ela produz na construção e no enriquecimento da interioridade de cada leitor (Rosing, 2009, p. 134).

A contação de histórias na Educação Infantil não apenas proporciona momentos de diversão, mas também é uma ferramenta pedagógica poderosa que contribui para o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças (Poeys; Oliveira, 2007). Nesse momento o compromisso do educador vai além de simplesmente narrar os acontecimentos, envolvendo também a criação de um ambiente estimulante que desperte o interesse das crianças pela leitura (Coelho, 2002).

Portanto, cabe ao professor aprimorar suas habilidades de contador de histórias, desenvolvendo técnicas de narração que cativem e envolvam os alunos, estimulando seu interesse pela leitura desde a primeira infância (Sisto, 1992). Assim, ao cultivar o hábito de contar histórias, contribui para formar alunos mais críticos, criativos e participativos, que serão capazes de interpretar e apreciar textos de maneira mais profunda e significativa.

Na educação infantil, é comum encontrar uma rotina em que geralmente a contação de narrativas está presente, uma vez que este tema está sugerido no RCNEI (Brasil, 1998) formulado em 1999 pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC).

Muitos professores ainda não incorporam a contação de histórias em suas práticas pedagógicas, desconhecendo o quanto ela pode contribuir para a formação do aluno. Quando a utilizam, frequentemente o fazem com o intuito de acalmar as crianças, sem explorar as múltiplas potencialidades de uma narrativa cativante (Silva, 2015). O principal propósito em contar uma história é entreter e estimular a imaginação, mas ela também pode alcançar outros objetivos, como educar, instruir, conhecer melhor os interesses individuais e desenvolver o raciocínio, podendo servir como ponto de partida para explorar algum tema do currículo, despertando o interesse pela aula ou permitindo a identificação pessoal, ajudando na compreensão de situações desafiadoras e resolvendo conflitos (Villard, 2005).

Chegaram ao seu coração e à sua mente, na medida exata do seu entendimento, de sua capacidade emocional, porque continham esse elemento que a fascinava, despertava o seu interesse e curiosidade, isto é, o encantamento, o fantástico, o maravilhoso, o faz de conta (Abramovich, 1997, p. 37).

No decorrer da contação de histórias, ocorrem momentos mágicos que envolvem todos os participantes dessa atividade. Os educadores estabelecem um ambiente de engajamento que fazem os alunos recordarem-se dos primeiros contadores que se reuniam em volta do fogo e compartilhavam diversas histórias sobre os costumes e valores do seu povo. Os espectadores não mais se reúnem em torno da fogueira, e nas escolas, são os educadores os narradores de histórias, atuando como o elo entre o aluno e o livro.

Pennac (1993, p. 124) destaca que "o ato de contar histórias é inerente ao ser humano, e o professor pode adotar essa característica e transformar a contação em um recurso essencial para a formação do leitor".

Pode-se mencionar uma variedade de possibilidades que esse recurso oferece em sala de aula. Além de entreter, ela pode educar, instruir, socializar, desenvolver a inteligência e a sensibilidade. Infelizmente, a literatura nem sempre recebe o estímulo adequado.

Sekeff (2007) observa que contar histórias proporciona aos alunos uma experiência positiva com o universo da leitura, não devendo se tornar uma atividade rotineira que transforma a leitura em um instrumento de avaliação, afastando os alunos do prazer de ler. Essa prática é fundamental para formar leitores críticos, não apenas ensinando a ler, mas também incentivando o prazer pela leitura.

Segundo Ruan Hubert *apud* Sekeff (2007, p. 121), no primeiro ano de vida os interesses da criança são especificamente orgânico-afetivos; entre um e três anos esses interesses são governados pelo movimento, percepção e linguagem; dos três aos sete anos, lidera o movimento lúdico, o jogo em geral, imagens, ficções e mitos.

Ao utilizar diversas narrativas em sala de aula, todos saem beneficiados, tanto os alunos, que têm a oportunidade de imaginar e criar, quanto os educadores, que tornam suas aulas mais produtivas em um ambiente mais agradável, alcançando os objetivos pretendidos. Ao empregar essa estratégia, os alunos ampliam o contato com diferentes materiais impressos, enriquecendo seu universo cultural e imaginativo.

Com diferentes abordagens, a contação de histórias pode despertar descobertas, intrigar, provocar o riso, fazer refletir, deixar perplexo, encantar, entre outros sentimentos. Contar uma história requer explorar um caminho vasto de descobertas e compreensão do mundo. As narrativas despertam emoção, imaginação e o gosto pela escrita e pela leitura, pois contar histórias é revelar segredos, envolver o ouvinte e convidá-lo a se apaixonar pela leitura.

Abramovich (1997, p. 35) destaca que "A contação de histórias é uma fonte inesgotável de prazer, conhecimento e emoção, onde o lúdico e o prazer são fundamentais para incentivar a leitura e formar leitores".

Nesse sentido, Miguez, (2000) argumenta ainda que:

A alegria proporcionada pelas histórias deveriam ser a principal dimensão da pedagogia, visto que os alunos necessitam de estímulos e motivações para que possam se interessar pelos conteúdos, sendo assim as aprendizagens ficariam mais significativas (Miguez, 2000, p.125).

É inegável que, no cotidiano da educação infantil, a contação de histórias atende a diversos propósitos, sendo essencial para a prática pedagógica. É essencial que os educadores reconheçam a importância dessa prática e a integrem de forma significativa em sua rotina. De acordo com Abramovich (1997), ao considerar como portadora de significados para a prática pedagógica, não se restringe o seu papel somente ao entendimento da linguagem, pois preserva-se seu caráter literário, sua função de despertar a imaginação e os sentimentos, bem como suas possibilidades de transcender a palavra.

Esse método deve ser incorporada ao ambiente educacional, não apenas como uma atividade lúdica isolada, mas como uma metodologia que favorece a prática

docente, promovendo aprendizagens múltiplas de diversos conhecimentos.

Na maioria dos casos, a Escola acaba sendo a única fonte de contato da criança com o livro e, sendo assim, é necessário estabelecer-se um compromisso maior com a qualidade e o aproveitamento da leitura como fonte de prazer. (Miguez, 2000, p. 28).

Evidencia-se, portanto, que a contação de histórias deve ser utilizada como um mecanismo e uma metodologia para o desenvolvimento dos alunos e de sua personalidade, contribuindo significativamente para o desempenho escolar.

Diversos pesquisadores, como Busatto (2003), Miguez (2000) e Bettelheim (2002), destacam a relevância dos textos literários durante o período de escolarização. Bettelheim (2002) enfatiza a importância de ajudar as crianças a encontrar significado na vida, sendo a literatura uma ferramenta fundamental para isso. Ele acredita que essa ferramenta pode estimular os alunos a criar, imaginar e se envolver é essencial para o desenvolvimento da personalidade.

Como método, ela ainda pode influenciar positivamente a aprendizagem significativa, pois a imaginação precede a leitura. Portanto, o uso da leitura, por meio dela, como uma ferramenta metodológica é essencial para promover o desenvolvimento dos alunos e melhorar seu desempenho escolar, atendendo às necessidades afetivas e intelectuais por meio do contato com o conteúdo simbólico das histórias contadas.

3. RELEVANCIA DA LITERATURA INFANTIL NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

O envolvimento das crianças com os livros e as histórias é fundamental. Elas exploram a escrita por conta própria, observando o mundo ao seu redor. A aprendizagem da linguagem também integra esse processo de compreensão dos símbolos, pois as palavras representam todos os elementos do mundo real e podem ser utilizadas para expressar o universo imaginário.

Na criação da fala e da linguagem, brincando com essa maravilhosa capacidade de designar é como se o espírito estivesse constantemente saltando entre a matéria e as coisas pensadas. Por de trás de toda expressão abstrata se oculta uma metáfora, e toda metáfora são jogos de palavras. Assim ao dar expressão à vida o homem cria um outro mundo poético, ao lado da natureza. (Huizinga, 1988, p.7).

Segundo Oliveira (2010) a infância é marcada por uma sequência de vivências e aprendizados adquiridos pela própria criança. Ao ingressar na instituição, ela carrega consigo uma vasta bagagem de experiências e conhecimentos acumulados, obtidos através da observação, da escuta, de jogos, brincadeiras, diálogos, passeios, interações, brinquedos e histórias, todos essenciais para seu processo de aprendizagem.

No processo de aprendizagem da leitura e da escrita, a criança se depara com um universo repleto de estímulos (letras, palavras, frases, textos e histórias) e se envolve nesse mundo com mais facilidade quando pode participar ativamente dele.

De acordo com Vygotsky (1991) se esse processo for conduzido de maneira lúdica envolvente e prazerosa, a aprendizagem se torna mais significativa, permitindo que a criança explore seu vocabulário cotidiano de forma afetiva e agradável.

No entanto, a atividade lúdica, ao estimular a busca por novos conhecimentos, exige do aluno uma postura ativa, investigativa, reflexiva, criativa e socializadora. Para Bondía (2002), o interesse pela leitura surge a partir da experiência, do contato e da relação com os livros. Assim, para que a criança desenvolva o gosto pela leitura, é essencial que ela tenha oportunidades de vivenciar esse encontro desde cedo, inicialmente ouvindo histórias para, posteriormente, aprender a ler. O adulto exerce um papel fundamental como mediador desse processo.

A literatura infantil é importante na hora de despertar a imaginação e transportar a criança para um mundo de aventuras. Durante seu desenvolvimento, é essencial que ela seja incentivada a explorar o conteúdo dos livros e aprimorar suas habilidades linguísticas. A introdução precoce à leitura se mostra altamente eficaz, pois estimula o manuseio dos livros, desperta o desejo de ler e fortalece o hábito da narração e da leitura em voz alta.

O prazer adquirido com essas novas habilidades deve estar alinhado aos interesses e às necessidades das crianças. Através da literatura, elas são desafiadas a expressar seus pensamentos e opiniões, desenvolvendo sua linguagem e compreensão do mundo.

Além disso, a literatura funciona como um valioso instrumento para a construção de conceitos e conhecimentos. Cada criança, ao se identificar com os personagens dos contos, encontra maneiras de interpretar os desafios e conflitos da realidade ao seu redor.

A literatura infantil, em sua essência, é fundamentada em elementos lúdicos, ou seja, está relacionada ao universo dos sonhos, muitas vezes repleto de magia, transportando a criança para um mundo de fantasia e encantamento.

Os brinquedos possuem outras características, de modo especial a de ser objeto portador de significados rapidamente identificados ele remete o elemento legíveis do real ou do imaginário das crianças. Neste sentido, o brinquedo é dotado de um forte valor cultural, se definirmos a cultura, como um conjunto de significações que permitem compreender determinada sociedade e cultura (Brougere, 1997, p.8).

De acordo com Kishimoto (1994), os brinquedos e as atividades lúdicas sempre desempenharam um papel fundamental na transmissão da cultura de um povo, passando de geração em geração. Essas práticas possuem diferentes propósitos: podem servir para a diversão, para a socialização, para fortalecer laços entre grupos e, sob uma perspectiva pedagógica, como ferramentas para a transmissão do conhecimento.

Diante disso, é essencial que os educadores repensem suas práticas pedagógicas, adotando abordagens mais abertas e humanizadas. A educação deve capacitar as crianças de forma a possibilitar o desenvolvimento da autonomia, da responsabilidade e da cooperação.

Parte-se do princípio de que a individualidade humana é relevante em diversas situações e de que nem todas as crianças respondem da mesma maneira aos estímulos recebidos. Vygotsky (1991), fala que embora o desenvolvimento infantil tenha características universais, ele se dá de forma única e contextualizada para cada indivíduo, influenciado pelas interações sociais e culturais nas quais está inserido. Piaget (1976) também enfatiza que as crianças constroem seu conhecimento de maneira ativa e única, passando por diferentes estágios de desenvolvimento cognitivo.

Acredita-se que o desenvolvimento cognitivo e lúdico, aliado à literatura, pode ser trabalhado de maneira integrada, ajudando a superar bloqueios já existentes ou que possam surgir ao longo da trajetória escolar da criança. Colomer (2007) afirma que a literatura é um dos elementos mais importantes para a infância, funcionando como ponto de partida para a aquisição do conhecimento, além de ser um meio essencial de comunicação e socialização.

Para Vygotsky (1991), as histórias e narrativas são fundamentais para o desenvolvimento da linguagem, já que o ato de ouvir e contar histórias ajuda a criança a elaborar conceitos, resolver problemas e interagir com os outros.

No início, o livro pode ser apenas um brinquedo, no entanto, é por meio da mediação do adulto, que conduz a criança nesse primeiro contato, que ela passa a descobrir seu verdadeiro significado e suas inúmeras possibilidades.

3.1 A importância da literatura infantil na formação de uma sociedade de leitores

A infância é a fase ideal para dedicar maior atenção ao desenvolvimento da leitura, pois é nesse período que a criança começa a construir suas habilidades nessa área. É fundamental que ela compreenda o que precisa ser desenvolvido no processo de aprendizagem, e, para isso, a mediação de um adulto leitor experiente é essencial. Para tornar mais acessível sua inserção no universo da leitura e da escrita, é importante que o adulto leia para a criança, despertando seu interesse e auxiliando na construção desse hábito.

Abramovich (1997, p. 23) afirma que “[...] o escutar pode ser o início da aprendizagem para se tornar leitor”. Ouvir repetidas vezes diversas histórias são essenciais para integrar a criança em um universo de descobertas e compreensão do mundo. Por meio da escuta de narrativas, é possível vivenciar emoções como raiva, tristeza, irritação, bem-estar, medo, alegria, pavor, insegurança e tranquilidade.

Assim, ouvir histórias torna-se um convite para mergulhar em sentimentos, memórias e imaginação.

As histórias permitem que a criança perceba novas realidades, desenvolva empatia e estimule sua criatividade. O mundo, então, passa a ser reinterpretado com novos significados e compreensões.

Cabe ao leitor adulto a responsabilidade de mostrar à criança como os textos presentes no cotidiano podem ser utilizados para que ela compreenda seus sentidos. A criança só pode partilhar desse universo letrado quando é capaz de entender o seu significado. Nesse processo, ela passa a distinguir a linguagem oral da linguagem escrita ambas fundamentais na aprendizagem inicial da leitura.

Considerando a complexidade do desenvolvimento da leitura e da escrita, é necessário que a sociedade adote estratégias eficazes de incentivo. Embora esse seja um desafio que envolve investimento governamental e valorização dos educadores, a falta de estímulo no ambiente familiar também agrava a situação. Diante disso, a escola permanece como o espaço mais propício para a formação de leitores.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) determina que todas as crianças estejam alfabetizadas até o fim do 2º ano. Quem aprende até os 7 anos tem 2,6 vezes mais chance de alcançar nível avançado até o 5º ano (Brasil, 2018). A alfabetização na idade certa fortalece funções cognitivas como atenção, memória e raciocínio lógico. Favorece a autonomia intelectual e a capacidade de resolver problemas. Está ligada ao desenvolvimento da autoestima e da confiança, as crianças que leem e escrevem se sentem mais seguras e participativas.

Alfabetizar até os 7 anos como determina a BNCC é uma das principais estratégias para o combate a pobreza e exclusão social e contribui para a igualdade de oportunidades, crianças com famílias de baixa renda se alfabetizadas na idade certa, quebram o ciclo de baixa escolaridade tem menos chances de repetir de ano, evasão e abandono escolar melhorando assim a regularidade da trajetória escolar.

Em 2023, 56% das crianças brasileiras das redes públicas alcançaram o patamar de alfabetização definido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) para o 2º ano do ensino fundamental.

No âmbito das políticas públicas, a meta do governo federal, por meio do Compromisso Nacional Criança Alfabetizada, é atingir 80% de crianças alfabetizadas até 2030, retomando o progresso interrompido pela pandemia da COVID-19 (Brasil, 2023b).

A literatura infantil tem um papel importante na promoção da alfabetização na idade certa, sendo não apenas um instrumento pedagógico, mas também um recurso fundamental para o desenvolvimento linguístico, cognitivo, afetivo e cultural da criança. Ao oferecer experiências significativas com a linguagem escrita, os textos literários ampliam o vocabulário, favorecem a compreensão textual e despertam o prazer pela leitura, elementos essenciais no processo de aprendizagem da leitura e da escrita.

O uso da literatura no ciclo de alfabetização permite que a criança entre em contato com diferentes gêneros, estilos e estruturas textuais, desenvolvendo a consciência fonológica, a fluência e a competência leitora. De acordo com Soares (2003), a alfabetização deve ser compreendida não apenas como a aquisição do sistema alfabético de escrita, mas como a inserção da criança em práticas sociais de leitura e escrita, nas quais a literatura cumpre um papel formador e humanizador.

Ao vivenciar a leitura de histórias, poemas, parlendas e cantigas, a criança exercita sua imaginação e fortalece vínculos com o universo simbólico das palavras.

Segundo Abramovich (1997), "quem conta um conto aumenta um ponto", pois a escuta atenta e a leitura compartilhada de textos literários promovem o encantamento com a linguagem e facilitam a internalização de estruturas linguísticas fundamentais para a alfabetização.

Por tanto utilizar a literatura como pratica de alfabetização favorece a aprendizagem da leitura e escrita e tambem forma leitores criticos, sensiveis e autônomos. Investir em políticas públicas que garantam o acesso a acervos de qualidade, a formação continuada de professores e a integração da literatura às práticas pedagógicas é um passo decisivo para assegurar o direito de todas as crianças à alfabetização plena, no tempo certo.

3.2 Desafios e estratégias para a educação infantil no Brasil

A educação infantil no Brasil enfrenta uma série de desafios que dificultam a alfabetização das crianças na idade adequada. Entre os principais entraves estão a falta de infraestrutura apropriada, a formação insuficiente dos professores e a escassez de materiais didáticos adequados.

A infraestrutura escolar representa um dos maiores obstáculos para a educação infantil. Muitas escolas carecem de espaços apropriados para o

desenvolvimento de atividades lúdicas e pedagógicas, comprometendo o desenvolvimento integral das crianças. Segundo estudo do Instituto Ayrton Senna (2023), a falta de infraestrutura adequada é um dos principais fatores que comprometem a qualidade da educação infantil.

A formação dos professores é outro desafio significativo, pois muitos educadores não possuem preparo adequado para lidar com as especificidades dessa etapa da educação.

Essa lacuna na formação inicial impacta negativamente a alfabetização, uma vez que os docentes podem não dispor de estratégias pedagógicas eficazes para atender às diversas necessidades dos alunos, comprometendo o progresso escolar (Moreto, 2020).

A formação continuada dos professores mostra-se essencial para a melhoria da qualidade do ensino na educação infantil. Por meio dela, os profissionais podem renovar seus saberes e adquirir novas competências, adaptando-se às mudanças nas abordagens pedagógicas e às demandas dos estudantes.

Para Vasconcelos e Souza (2017), a ausência de materiais didáticos apropriados é outro problema recorrente que afeta significativamente o ensino nas escolas. Muitas instituições enfrentam uma carência crônica de recursos fundamentais, como livros didáticos, jogos educativos e outros materiais pedagógicos indispensáveis.

Essa deficiência compromete o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, limitando o aprendizado interativo e diversificado. Sem acesso a materiais adequados, os professores são forçados a improvisar, utilizando recursos escassos ou elaborando os próprios materiais. Essa realidade sobrecarrega os educadores e restringe a experiência de aprendizagem dos alunos, desestimulando-os e dificultando o processo ensino-aprendizagem, o que perpetua as desigualdades educacionais.

O envolvimento da família no processo educativo é outro fator crucial para o sucesso da alfabetização, pois a participação ativa dos pais pode oferecer apoio emocional e motivacional, elevando a autoestima e o interesse das crianças pela aprendizagem. No entanto, muitas famílias enfrentam obstáculos significativos para acompanhar a vida escolar dos filhos (Moreira, 2014). A falta de tempo, provocada por longas jornadas de trabalho e responsabilidades domésticas, limita a participação dos

pais. Além disso, o baixo nível de escolaridade e o desconhecimento das metodologias de ensino atuais podem comprometer o apoio necessário à criança.

Para enfrentar esses desafios, diversas estratégias podem ser adotadas. Medidas como a melhoria da infraestrutura, a formação continuada dos educadores e a utilização de tecnologias educacionais mostram-se eficazes, respaldadas por pesquisas científicas e experiências bem-sucedidas.

Investir na melhoria da infraestrutura escolar é fundamental para garantir um ambiente de aprendizagem seguro e estimulante. Isso inclui a construção de salas de aula confortáveis e acessíveis, bem como espaços para atividades lúdicas, fundamentais ao desenvolvimento social e cognitivo das crianças (Vasconcelos *et al.*, 2021).

Uma infraestrutura bem planejada e equipada não apenas eleva o desempenho acadêmico, mas também contribui para a redução das desigualdades educacionais, favorecendo a formação de cidadãos mais preparados para os desafios do futuro.

A incorporação de tecnologias educacionais também pode ser uma estratégia eficaz para aprimorar a alfabetização na educação infantil. Ferramentas digitais, como aplicativos educativos e plataformas de aprendizagem online, podem complementar o ensino tradicional e tornar o processo mais atrativo para as crianças.

A formação continuada dos professores, por sua vez, é indispensável para assegurar a qualidade do ensino. Programas de capacitação e atualização devem ser ofertados de forma constante. Segundo Arruda e Grosch (2020), professores que participam regularmente de programas de formação contínua apresentam melhores resultados no processo de alfabetização dos alunos.

Destinar recursos a esses programas fortalece as competências docentes para enfrentar os desafios do cotidiano escolar, promovendo um ambiente mais eficiente e inclusivo. Dessa forma, a formação continuada não apenas beneficia os profissionais da educação, mas também influencia positivamente o desempenho acadêmico dos estudantes.

Implementar programas específicos de alfabetização na educação infantil é igualmente essencial. Tais programas devem basear-se em metodologias comprovadas e adaptadas às necessidades das crianças. Conforme pesquisa de Albuquerque, Morais e Ferreira (2008), programas de alfabetização bem estruturados aceleram o processo de aprendizagem e contribuem para a redução do analfabetismo.

O estímulo à participação dos pais na vida escolar dos filhos também deve ser promovido. As escolas podem organizar oficinas e reuniões para orientá-los sobre como contribuir com a alfabetização em casa. A participação ativa dos pais melhora significativamente o rendimento escolar das crianças (Moreira, 2014).

Ainda que existem desafios, iniciativas como programas de educação parental, flexibilização de horários para reuniões e o uso de plataformas online podem aumentar o envolvimento familiar. Essas medidas fortalecem a comunicação entre escola e família, criando um ambiente mais propício à aprendizagem.

A avaliação contínua é outro componente essencial no processo educacional, pois permite identificar precocemente dificuldades e ajustar as estratégias pedagógicas conforme as necessidades dos alunos. Esse monitoramento assegura que todos avancem adequadamente, recebendo o suporte necessário (Louzada; Albuquerque; Amancio, 2023).

Ferramentas de avaliação formativa, como testes diagnósticos, observações em sala de aula, autoavaliações e feedbacks regulares, são fundamentais nesse processo. Elas permitem aos professores acompanhar de perto o progresso nas habilidades de leitura e escrita, fornecendo dados valiosos para a personalização do ensino.

Com base nessas ferramentas, os educadores podem elaborar planos de ensino mais eficazes e direcionados, que atendam às dificuldades específicas dos alunos e incentivem o desenvolvimento integral. Isso promove uma aprendizagem mais inclusiva e equitativa, proporcionando a cada criança a oportunidade de alcançar seu pleno potencial.

Por fim, é necessário que políticas públicas sejam efetivamente implementadas para apoiar a educação infantil. Os governos devem investir em programas de alfabetização, na formação docente e na infraestrutura escolar, como estratégia para garantir uma educação de qualidade desde os primeiros anos.

3.3 Práticas para a inserção da Leitura em sala de aula

A Contação de histórias, pode levar as crianças a desenvolverem seu imaginário, assim como suas habilidades, desenvolvendo meios de lidar com seus valores, fazendo com que saibam lidar com conflitos.

A compreensão e a interação dos pais na leitura possibilita o estreitamento de

laços afetivos fundamental para a influência da aprendizagem alimentada pela cumplicidade e pela confiança recíproca. Nesse caso, os livros e a literatura estão bem recomendados, pois são suportes culturais da criança com o mundo das palavras, pois as levam a viver emoções e sentimentos. Para melhor observação da criança, que seja colocado os livros em uma prateleira baixa ou em uma cesta que a criança possa tocar sozinha, e por perto ele seja observado. Que um mundo novo seja descoberto.

Os livros infantis são objetos culturais que tem relações com a fantasia, que podem ser marcantes para eles olharem, sentirem e ouvirem outra vez, sendo os mais indicados a estes são: os de contos de fada, folclore, parlendas, adivinhas, de cantigas de ninar. Tem vários modelos de livros; os livros de panos, feitos artesanalmente com tecidos, com desenhos bordados e apliques. As crianças gostam das texturas, de tocar, apertar. Há tecidos com estampas diversas; frutas, bichinhos brinquedos e formas. Eles são de fácil acesso para adquirir, é possível encontrar em sites na internet, papelarias e livrarias.

Chico vai dormir, ilustrações de Olivia Lyly, produzido em Hong Kong, traz quatro folhas de tecidos, com uma narrativa breve, ilustrações em tons fortes e contraste.

Vaquinha - livro de pano com mordedor, da editora Ciranda Cultural. Trazem poucas páginas, de tamanho pequeno, como um incentivo para o manuseio.

Os livros de plástico são práticos para serem usados no banho. Costumam ter tamanho pequeno, pouca folha, e são leves, macios e acolchoados. Trazem ilustrações lineares, com contrastes de cores.

Existe várias formas de como fazer essa leitura para as crianças que podem ser utilizadas em sala de aula pelos professores e em casa pelos pais.

Aqui segue um passo a passo de como preparar o ambiente para a leitura e as diversas formas de leituras que podem ser adotadas: Organizar um espaço calmo, acolhedor e bem iluminado, que favoreça a concentração. Disponibilizar os livros em estantes acessíveis à altura das crianças, promovendo a autonomia. Oferecer uma variedade de gêneros e suportes: livros de contos, poesia, revistas infantis, gibis, entre outros. Decorar o ambiente com elementos que remetam ao universo literário, como almofadas, tapetes e painéis temáticos. Manter uma rotina de leitura diária, criando um hábito prazeroso e esperado pelas crianças. Segundo Silva e Colomer (2009), o espaço de leitura deve ser concebido como um “ninho de leitores”, ou seja, um local

afetivo, simbólico e esteticamente convidativo que estimule a interação com os livros. Também existe diversas formas de como essa leitura pode ser feita em sala de aula e também em casa.

Leitura Mediadora (leitura pelo adulto para a criança). Escolher livros adequados à faixa etária, com ilustrações atrativas e linguagem acessível. Ler com entonação e expressividade, valorizando os aspectos sonoros e emocionais da narrativa. Estimular a participação da criança por meio de perguntas, comentários ou antecipações da história. Segundo Abramovich (1997), a leitura mediadora é uma forma essencial de aproximação da criança com o texto, pois permite a construção coletiva do sentido e fortalece o vínculo afetivo entre leitor e ouvinte.

Leitura Compartilhada (leitura feita em conjunto com a criança). Sentar-se ao lado da criança, permitindo que ambos visualizem o livro. Ler em voz alta, alternando trechos ou palavras com a criança, de acordo com sua capacidade. Incentivar a criança a reconhecer letras, palavras e frases, promovendo uma leitura participativa. De acordo com Cavalcante (2011), essa prática favorece a aprendizagem da linguagem escrita por meio da interação social e do apoio do adulto, possibilitando o desenvolvimento gradual da autonomia leitora.

Leitura Autônoma (leitura feita pela própria criança). Disponibilizar livros acessíveis fisicamente e adequados ao nível de leitura da criança. Estimular momentos de leitura silenciosa e respeitar o tempo de cada criança. Promover momentos de socialização, como rodas de conversa sobre o que foi lido. A leitura autônoma é um marco importante no processo de alfabetização e consolidação da prática leitora. Como destaca Cagliari (2009), ao permitir que a criança leia sozinha, respeita-se seu ritmo de aprendizagem e estimula-se sua independência.

Leitura por Imagem (leitura de livros ilustrados sem texto ou com texto mínimo).

Apresentar livros de imagem e estimular a criança a narrar a história com base nas ilustrações. Fazer perguntas que ajudem a criança a inferir acontecimentos e personagens. Valorizar a interpretação pessoal da criança, mesmo que seja distinta da narrativa tradicional. Essa forma de leitura favorece a construção do sentido a partir de elementos visuais e amplia a compreensão da linguagem multimodal, como defendem Rojo e Moura (2012).

Felizes são aqueles que têm sensibilidade para perceber que o futuro depende da maneira como educam as crianças em que foram confiados.

A leitura é uma ferramenta essencial para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças, sendo indispensável tanto no ambiente escolar quanto no contexto familiar. A inserção da leitura em sala de aula favorece a ampliação do vocabulário, o estímulo à imaginação, o desenvolvimento da escuta atenta e o aprimoramento das habilidades de interpretação e escrita. De acordo com Solé (1998), ler é um processo ativo de construção de sentido, no qual o leitor interage com o texto e com seus conhecimentos prévios, desenvolvendo competências fundamentais para a aprendizagem.

Além do espaço escolar, o incentivo à leitura no ambiente doméstico é igualmente importante. A leitura compartilhada em casa fortalece o vínculo entre pais e filhos e contribui para a formação de hábitos leitores desde os primeiros anos de vida. Para Teberosky e Colomer (2003), quando a criança tem contato frequente com livros no lar, desenvolve uma relação afetiva com o ato de ler, o que favorece seu desempenho acadêmico e sua autonomia leitora.

Portanto, a leitura deve ser incentivada de forma integrada entre escola e família, promovendo um ambiente rico em estímulos linguísticos e culturais. Essa parceria é fundamental para garantir uma formação leitora sólida e significativa, que ultrapasse os limites do currículo escolar e se estenda por toda a vida.

4. METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho é do tipo bibliográficas de cunho qualitativo através de pesquisas, onde buscou-se capturar a profundidade e a riqueza das experiências humanas. Vale ressaltar que na pesquisa qualitativa, o objetivo principal é compreender em profundidade os fenômenos sociais e humanos, como é o caso do desenvolvimento infantil através das brincadeiras.

A análise da pesquisa qualitativa está no entendimento e compreensão de Richardson (1999) quando o autor entende que o seu objetivo principal não é necessariamente produzir opiniões representativas ou quantificáveis de um grupo, mas sim aprofundar a compreensão de um fenômeno social.

O objetivo fundamental da pesquisa qualitativa não reside na produção de opiniões representativas e objetivamente mensuráveis de um grupo; está no aprofundamento da compreensão de um fenômeno social por meio de entrevistas em profundidade e análises qualitativas da consciência articulada dos atores envolvidos no fenômeno (Richardson 1999, p. 102).

Por tanto a eficácia da pesquisa qualitativa se dá pela profundidade que o estudo é realizado, essa abordagem permite aos pesquisadores explorar a subjetividade e a diversidade de pontos de vistas e as diferenças dos fenômenos estudados.

De acordo com Macedo (1994, p. 13) a pesquisa bibliográfica é o “primeiro passo em qualquer tipo de pesquisa científica, com o fim de revisar a literatura existente e não redundar o tema de estudo ou experimentação”. Ela envolve a revisão e análise crítica da literatura existente sobre o tema específica. O principal objetivo é adquirir conhecimento prévio sobre o assunto, identificar lacunas no conhecimento existente, compreender as abordagens metodológicas utilizadas.

Lakatos e Marconi (2003, p. 183): “[...] a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

A pesquisa bibliográfica não apenas fornece um panorama do que já foi explorado, mas também serve como um ponto de partida inovação e originalidade da pesquisa. Ao abordar o tema sob novas perspectivas, os pesquisadores podem contribuir significativamente para o avanço do conhecimento em suas áreas

específicas. A pesquisa bibliográfica é essencial para a fundamentação teórica do estudo e da construção de um referencial coerente e embasado em produções acadêmicas já existentes.

A combinação entre a abordagem qualitativa e a pesquisa bibliográfica contribui muito com o trabalho apresentado, pois permite ao pesquisador analisar os dados obtidos e também apresentar o contexto dentro de um quadro teórico consolidado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura infantil tem uma longa história, remontando à necessidade ancestral de transmitir conhecimentos e valores por meio da contação de histórias. Desde as narrativas transmitidas oralmente até os livros ilustrados e as histórias contemporâneas, a literatura infantil desempenhou um papel importante na formação cultural e educacional das crianças ao longo dos séculos.

No Brasil, a trajetória da educação infantil reflete mudanças significativas ao longo do tempo, desde suas origens nas primeiras instituições de ensino até as mobilizações sociais que levaram à consolidação do direito à educação na Constituição Federal de 1988. A criação de creches e pré-escolas, assim como a regulamentação da Educação Infantil pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), representam marcos importantes nesse percurso.

A contação de histórias emerge como uma ferramenta pedagógica poderosa na educação infantil, capaz de estimular a imaginação, promover o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças, e cultivar o prazer pela leitura desde cedo. Os educadores desempenham um papel fundamental ao incorporar a contação de histórias em suas práticas pedagógicas, criando um ambiente propício para o aprendizado e o desenvolvimento integral dos alunos.

Portanto, a contação de histórias na educação infantil não apenas entretém, mas também educa, instrui e estimula o interesse das crianças pela leitura e pelo conhecimento. É uma prática que deve ser valorizada e incorporada de forma significativa no ambiente educacional, contribuindo para formar leitores críticos, criativos e participativos.

Dessa forma, investir na formação dos professores, no acesso a acervos literários de qualidade e na criação de espaços de leitura nas instituições de ensino é essencial para garantir que essa prática alcance as habilidades transformadoras. Ao incentivar o hábito da leitura desde os primeiros anos de vida, a escola cumpre um papel social relevante na construção de uma sociedade mais leitora, reflexiva e sensível à diversidade cultural. Assim, a literatura infantil e a contação de histórias se consolidam como pilares indispensáveis para uma educação humanizada, inclusiva e significativa.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 14. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; MORAIS, Artur Gomes de; FERREIRA, Andréa Tereza Brito. **Programas de alfabetização: fundamentos e resultados**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 13, n. 39, p. 112–130, 2008.

ANDERSEN, Hans Christian. **Contos de fadas**. 1835-1872.

ARIÉS, Philippes. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARRUDA, E.; GROSCH, M. **Formação continuada e seus impactos no desempenho docente**. *Cadernos de Educação*, v. 23, n. 2, p. 85–98, 2020.

ARROYO, Maria de Lourdes. **Monteiro Lobato: um escritor de infância**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1968.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA**. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Diário Oficial da União, Brasília, 16 jul. 1990.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. **Ministério da Educação e do Desporto**. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília, DF, 1998.

BRASIL. Lei n.º 10.402, de 8 de janeiro de 2002. **Institui o Dia Nacional do Livro Infantil**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 9 jan. 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. Brasília, DF: MEC, 2018.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. **Indicador Criança Alfabetizada**. Brasília: INEP, 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano de ação do Compromisso Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – CNAIC**. Brasília, DF: MEC, 2023b.

BRASIL ESCOLA. **José Bento Monteiro Lobato – Biografia**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/jose-bento-monteiro-lobato.htm>. Acesso em: 19 jul. 2025.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 23. ed. Rio de Janeiro:

Paz e Terra, 2002.

BROUGERE, Gilles. **O brinquedo e a cultura**. São Paulo: Cortez, 1997.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

BUSSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias**. 2. ed. São Paulo: Salesiana, 2006.

CADEMARTORI, Ligia. **O Livro Infante-Juvenil: Teoria e Análise**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

CAMPOS, Maria Malta; FULLGRAF, José Osmar; WIGGERL, Bernadette. **Fundamentos da educação infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.

CAVALCANTE, Márcia. **Leitura compartilhada e construção do sentido**. São Paulo: Cortez, 2011.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 9. ed. São Paulo: Moderna, 2002.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

FERRONATTO, Sandra Rosane. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

GÓES, Maria Angélica Rodrigues de. **A hora do conto: contando histórias na educação infantil**. São Paulo: Loyola, 1997.

HUIZINGA, Johan. **O jogo da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

INSTITUTO AYRTON SENNA. **Educação Infantil: desafios e caminhos para a qualidade**. São Paulo: IAS, 2023.

IRMÃOS GRIMM, Jacob e Wilhelm. **Contos populares alemães**. Século XIX.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira, 1994.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

KUHLMANN JR., Moysés. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

LAKATOS, Eva Maria.; MARCONI, Mariana de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo, SP: Atlas 2003.

LOBATO, Monteiro. **A menina do narizinho arrebitado**. Ilustração de J. U. Campos. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia, 1920. Capa do livro.

LOBATO, Monteiro. **As reinações de Narizinho**. Capa do livro. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1931.

LOBATO, Monteiro. **O Picapau Amarelo**. Ilustrações de Rodolpho. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

LOUZADA, R.; ALBUQUERQUE, J.; AMANCIO, C. Avaliação formativa na alfabetização: estratégias e reflexões. **Revista de Práticas Educacionais**, v. 29, n. 1, p. 55–70, 2023.

MACEDO, Neusa Dias. **Iniciação à pesquisa bibliográfica: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1994.

MIGUEZ, Paulo Alberto. **O contador de histórias**. Rio de Janeiro: Agir, 2000.

MOREIRA, M. A. A participação dos pais na alfabetização infantil: um estudo de caso. **Educar em Revista**, v. 52, p. 203–220, 2014.

MORETO, V. A. **Formação docente e alfabetização na educação infantil. Educação em Foco**, v. 17, n. 1, p. 141–160, 2020.

OLIVEIRA, Z. M. R. As crianças e a cidade: os lugares da infância no espaço urbano. **Cadernos de Pesquisa**, n. 125, p. 57–76, 2005.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2005.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2010.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PERREAULT, Charles. **Contos de fadas**. Paris: 1697. (obras originais).

PIAGET, Jean. **A psicologia da criança**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1976.

POEYS, Fatima Regina; OLIVEIRA, Arlindo de. **O conto de fadas e a Educação Infantil**. São Paulo: Papirus, 2007.

RICHARDSON, Roberto. Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

ROSING, Tania. **Literatura e infância**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

ROJO, Roxane; MOURA, Evanildo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

SEKEFF, Ruan. **Desenvolvimento infantil: reflexões sobre a formação do sujeito**. São Paulo: Cortez, 2007.

SISTO, Celso. **A arte de contar histórias: 100 segredos para ser um bom contador**. São Paulo: Contexto, 1992.

SILVA, Vera Lúcia da. **A arte de contar histórias na educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2015.

SILVA, Eliana Yunes da; COLOMER, Teresa. **Literatura e infância: uma experiência no tempo**. São Paulo: Global, 2009.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

TRAJETÓRIA DA LITERATURA INFANTIL. São Paulo, 2009.

VARELA, Virginia; ÁLVAREZ-URIA, Magdalena. **Educar na primeira infância: desenvolvimento infantil e práticas educativas**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1992.

VILLARDI, Raquel. **A importância da contação de histórias na educação infantil**. In: Congresso Nacional de Educação, 2005, São Paulo. Anais eletrônicos... São Paulo: ANPED, 2005.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VASCONCELOS, M.; SOUZA, R. **Recursos didáticos e aprendizagem: desafios nas escolas públicas**. Revista de Educação e Políticas Públicas, v. 10, n. 1, p. 55–72, 2017.

VASCONCELOS, M. *et al.* **Infraestrutura escolar e desenvolvimento infantil: impactos e perspectivas**. Cadernos de Pesquisa, v. 51, n. 179, p. 88–105, 2021.

ZIPES, Jack. **Contos de fadas e o artifício da cultura**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.